

Martim Soares Moreno – o Coatiabo e Herói da Pátria

RÔMULO ALEXANDRE SOARES*

“Meu nome é Martim, que na tua língua quer dizer filho do guerreiro; meu sangue, o do grande povo que pela primeira vez viu as terras de tua pátria.”

José de Alencar, Iracema, 1865

A narrativa nas próximas páginas enreda a primeira de duas histórias entrelaçadas. Esta relata um curto percurso da jornada de Martim Soares Moreno, um homem nascido em Portugal mas criado, jovem, no nordeste do Brasil, forjado nas artes militares e que, por conta da saga contra franceses e holandeses, após vencer a ambos no Ceará e Maranhão nos primeiros anos do século XVII, foi feito pelo rei Felipe II, o primeiro capitão-mor do Siará, a terra em que viveu por mais de 30 anos, em respeito aos serviços prestados, servindo nos cargos da milícia de que foi encarregado com bom procedimento pelejando muitas vezes com os inimigos que foi ferido¹.

A segunda história, a ser tratada em outra oportunidade e que espero publicar em breve, narra uma expedição realizada em 2019 para celebrar, 400 anos depois, os feitos descritos na primeira história; uma jornada que tomei parte² desde a barra do rio Ceará até à ilha de São Luís no Maranhão, margeando, na ida, as terras banhadas pelo mar e que foram palco de grandes batalhas, como o *Buraco das Tartarugas* ou, na língua nativa, *Jericoacoara*, seguida de Camocim e Guaxemduba; e, na volta, percorrendo as belíssimas terras altas da Ibiapaba de rica Mata Atlântica, que dividem o Ceará do Piauí e por onde também passaram, na mesma

* Advogado e Ex-Presidente da Câmara Brasil-Portugal do Ceará.

¹ Carta Patente de 25 de maio de 1619 - Revista do Instituto, ano XIX, 1905, página 81 e 82

² Dessa expedição realizada em junho de 2019 participaram o historiador Antônio Bacelar Carrelhas, patrono do projeto Heróis Portugueses do Brasil, Armando Abreu, Wandocyr Romero, Raul Penna e Fernando Dias.

intenção de alcançar as terras do Maranhão, Pero Coelho de Sousa em 1603³ e, em 1607, os padres Francisco Pinto e Luiz Figueira⁴ que sofreram da fúria carniceira dos Tocarijus.

Em síntese, o Martim Soares Moreno que conecta ambas as histórias é o militar que singrou as extensas dunas que percorrem o litoral do Nordeste e navegou inúmeras vezes por esse Atlântico e verde mar bravio desta região do Brasil, vergando a sua costa desde Pernambuco até o Grão-Pará a serviço da coroa portuguesa. É portanto, ele, mais do que bem referiu o Barão de Studart, ao designá-lo fundador do Ceará que *viveu e prosperou debaixo de sua direção inteligente e vigorosa*⁵, um dos vultos mais importantes da conquista do Maranhão, ao lado de seu tio Diogo de Campos Moreno e Jerônimo de Albuquerque e que culminou com o Tratado de 27 de novembro de 1614 e retirada de La Ravardière e Razilly, pondo fim à Franca Equinocial naquelas terras.

E, depois de todo esse esforço e conquista, quis o destino que ele fosse capturado no Caribe pela derrota e morte que infligiu a uma legião de franceses, feito prisioneiro e levado à corte dos Bourbon e, em terras destes, fosse julgado, condenado à pena capital e, porque o destino quis assim, libertado em Paris, à beira da morte.

E, após e por conta de tudo isso, sem seu corpo inteiro e sem posses e após muito suplicar, foi finalmente consagrado por ordem Del Rey Felipe II, em 26 de maio de 1619, o capitão-mor da capitania do Siará.

O jovem herói militar

Martim Soares Moreno é o Coatiabo, hoje também herói da pátria⁶ e que dá nome à 10ª Região Militar ou, ainda, o guerreiro branco que, na ficção de José de Alencar, lutou ao lado de Jacaúna, teve por irmão Poty e por quem a índia tabajara Iracema morreu de amor após dar à luz a Moacir, o primogênito que marca a união de dois mundos⁷.

³ João Brígido, Há 300 anos – Pedro Coelho de Sousa. Revista do Instituto, ano XVII, 1903, página 41 e seguintes.

⁴ Barão de Studart, Revista do Instituto, ano XVII, 1903, página 51 e seguintes.

⁵ Barão de Studart, Martim Soares Moreno, o fundador do Ceará, Revista do Instituto do Ceará, ano XVII, 1903, página 177 e seguintes.

⁶ Lei 13.613 de 10 de janeiro de 2018.

⁷ Alencar, José de. Iracema, Ed. Ática, 1984.

Do militar que vive no Brasil entre 1603 e 1648, procura-se extrair neste artigo sobretudo um período de dez anos que se sucede desde que partiu do Ceará em 1612, sob o comando de Jerônimo de Albuquerque, para o Maranhão a fim de reconhecer o palco da guerra que se daria entre portugueses e franceses em 1614, até quando retorna para a Barra do Ceará em 23 de setembro de 1621 para cumprir o desígnio que a coroa lhe faz mercê, em 1619, qual seja, o de ser o capitão mor das terras do Siará por 10 anos.

Meu primeiro contato com o herói de carne e osso, assim dito para separá-lo daquele da lavra de José de Alencar no romance *Iracema*, foi um ano antes das celebrações do quarto centenário dos descobrimentos do Ceará, em 2003.

Fui apresentado a Martim Soares Moreno pelas mãos do historiador cearense Vinícius Barros Leal que, com o apoio da companhia aérea TAP e da centenária Sociedade Beneficente Portuguesa Dous de Fevereiro, escreveu 10 anos antes de então, *“A Colonização Portuguesa no Ceará: o povoamento”* pela editora da Universidade Federal do Ceará e Casa José de Alencar.⁸

Esse livro que descreveu as primeiras incursões do colonizador lusitano nestas terras de extensas dunas brancas, continha um capítulo sobre um português que veio pouco mais do que menino para o Brasil e prosseguiu aqui uma vida que, da forma que o historiador o descreveu, sem se afastar um milímetro da verdade, trouxe-me à mente imediatamente *Cândido*, de Voltaire, que me impressionara na minha juventude, face à sua aventura fantástica percorrendo vários recantos da terra, conquistando e perdendo riquezas, escapando à morte, em busca do melhor dos mundos possíveis.

As duas sagas de Martim Soares Moreno navegando pelo Atlântico e que trato aqui neste artigo, não teriam tido o mesmo significado para mim, nem me inspirado a percorrer em 2019 o mesmo caminho que o mesmo fez entre o Ceará e o Maranhão, se eu não tivesse conhecido aquela jornada que foi percorrida por *Cândido* na ficção de Voltaire. A obra deste filósofo, em poucas palavras, descreve uma fábula à volta da terra

⁸ Uma reedição fac-símile dessa obra foi impressa em 2003 quando estive à frente da Câmara Brasil Portugal no Ceará.

percorrida pelo jovem Cândido, expulso do melhor dos mundos possíveis em que vive por dar um beijo proibido em Cunegundes. Forçado, percorre, então, involuntariamente, várias partes do mundo. Em sua marcha por vários países da Europa e da América do Sul conquista uma grande fortuna, depois perde a sua riqueza. E daí, ele se encontra e se desencontra inúmeras vezes na antítese de todos os sentimentos humanos possíveis. Após uma alegria, uma tristeza, uma conquista e uma derrota envolta, sempre, numa resistente esperança.

Candido ou o otimismo é de tirar o fôlego, uma narrativa hiperbólica, ágil, mas exagerada de uma aventura ligeira que não pode ser vivida nesta terra. Cândido começa sua jornada num reino na Vestfália, percorre o continente até Lisboa e Cádis; daí segue para Buenos Aires e Eldourado; retorna a Bordeaux, Paris, Londres e Veneza e prossegue até Constantinopla onde ele, pela derradeira vez, já exausto de tantas andanças resgata Cunegundes, então já feia e rabugenta.

Enfim, é de se perguntar se o périplo de Cândido pelo mundo é uma ficção incapaz de ser reproduzida na vida real. Nunca aquilo poderia acontecer com alguém nesta terra toda, de forma tão intensa e apenas numa única vida, senão, ou apenas nas páginas de um livro fruto da criatividade de um Voltaire ou Orwell ou, ainda, Machado de Assis?

Eis que é pura verdade que uma história pode, sim, imitar a outra e isso mostra não ser exatamente assim que se separa a ficção da realidade. No caso do nosso personagem principal, Martim Soares Moreno, foi isso que aconteceu. Uma vida, digamos assim, forjada no melhor da ficção. Poderia, sem dúvida, Voltaire ter-se inspirado no Martim de carne e osso e no Martim tecido por José de Alencar para escrever sua obra mais conhecida, ainda ficção, mas fartamente baseada em fatos reais.

Cheguei a essa história ligeira sobre Martim Soares Moreno descrita por Barros Leal, pelas mãos de outro historiador e amigo, Eduardo Bezerra com quem estava, após fundarmos juntos a Câmara de Comércio Brasil Portugal no Ceará em 2001, dando no ano que se sucedeu, os primeiros passos para, dali a um ano, celebrarmos o quadricentenário de chegada do também português, nascido nos Açores, Pero Coelho de Sousa a estas terras e, desta forma, por justiça, reclamar a relevância desta efeméride para a lusocearensidade, para usar aqui a expressão que o saudoso Embaixador

Dário Castro Alves repetia ao expressar seu encanto com o encontro de cearenses e portugueses que marcaram os primeiros anos do novo milênio e do qual foi testemunha, também o atual presidente do Instituto Histórico do Ceará, Dr. Lúcio Alcântara, então governador do Ceará.

Essa celebração não era um plano singular, porque, para além dos portugueses, os espanhóis se apresentavam como legítimos celebrantes da mesma festa e os holandeses estavam associados a outra convicção histórica que lhes era mais favorável e, portanto, 1603 não representava muito na história, pelo menos de Fortaleza.

Os primeiros, porque de fato e a bem da verdade, afirmavam que o estabelecimento do território da Nova Lusitânia, das pedras primeiras da Nova Lisboa e da a construção do forte de São Tiago, tudo às margens da barra do Rio Ceará pelo açoriano Pero Coelho de Sousa, tinha ocorrido durante a união dinástica entre as monarquias de Portugal e da Espanha e que juntou as duas coroas e as respectivas possessões coloniais sob o mesmo rei espanhol, Felipe II. Portanto, o Brasil era, de certa forma, àquela época, terra também castelhana, fruto da união ibérica instituída em 1581, após o desastre da campanha de D. Sebastião contra os muçulmanos em Alcácer Quibir em 1578.

Os segundos, holandeses, porque o historiador Raimundo Girão, por meados do século XX, após extensa pesquisa, atualizara a narrativa vigente, indicando que a construção do forte de taipa à beira do Rio Ceará erguido por Pero Coelho de Sousa e reerguido por Martim Soares Moreno quando do seu segundo retorno à foz do Rio Ceará, pouco ou quase nada representou para a formação da cidade de Fortaleza. Conforme demonstrou em sua fundamentada pesquisa histórica, era a edificação construída pelo holandês Matias Beck em 1649, às margens do Rio Pajeú, o forte de *Schoonenborch*, que marcava a origem da cidade de Fortaleza.

Disseram Raimundo Girão⁹ e alguns outros que lhe seguiram, que o fortim à margem do Rio Ceará veio antes, é verdade, que o mesmo tinha sido a base da fundação do Ceará, mas não servia de marco zero para a cidade de Fortaleza como ela é hoje. Era muito distante, registrou ele, de onde irradiou a primeira urbanização à margem do Pajeú e com a

⁹ Girão, Raimundo. Matias Beck Fundador de Fortaleza. Fortaleza, Imprensa Oficial do Ceará, 1961.

destruição do forte na foz do Rio Ceará, nada sobrou naquela barra. Tendo eu morado na Barra do Ceará e estudado nos arredores da Praça do Liceu e tido o meu primeiro escritório na Jacarecanga, essa ideia de que a Vila Velha - que depois aprendi que nos primeiros anos do século XVIII tinha sido a sede da Villa de São José do Ribamar do Ceará¹⁰, não era o marco zero da cidade, é algo que, até os dias atuais ainda é objeto de discussões.

Primeiras incursões no Siará

Nem a Espanha nem os Países Baixos puderam se encher de orgulho de ser a nação que teve por filho Martim Soares Moreno, assim chamado por seus pais Martim de Loures e Paula Ferreira ao nascer na cidade de Santiago do Cacém, em Portugal; ou Coatiabo, como foi rebatizado aqui nas terras dos Potiguaras; ou ainda, o *fundador da fortaleza do Siará*, assim nomeado em 1619 pelo Rey Filipe II, ou, por fim, o *herói da pátria*, como designado em 2018 pela República Federativa do Brasil e inscrito no livro de aço do Panteão da Pátria e da liberdade Tancredo Neves, em Brasília, ao lado de outros tão ilustres, como Tiradentes, Ana Nery, Rui Barbosa, Anita Garibaldi, Felipe Camarão, Santos Dumont e Bárbara de Alencar, ou ainda, antecipando-se em seus tempos, o escravo Zumbi dos Palmares e o seringueiro Chico Mendes, trazendo-nos, ambos, a preocupação mais do que contemporânea com dignidade humana e a proteção ao meio ambiente.

Martim está diretamente ligado à colonização do Ceará desde o seu início. Quando ainda era moço, seu tio, o sargento-mor Diogo de Campos Moreno, o embarcou para o Brasil para que aprendesse a língua dos índios e seus costumes, fazendo amizade com eles, tornando-se muito familiar, parente ou compadre, como eles diziam.¹¹

Então, com 17 ou 18 anos e na condição de jovem soldado e pioneiro, integrou a bandeira de Pero Coelho de Sousa rumando do Rio Grande do Norte por terra com destino ao Maranhão, percorrendo o litoral do Ceará, onde fez, com o tempo e sucessivas incursões, profunda e duradoura amizade com Jacaúna, o cacique potiguar.

¹⁰ A Primeira Villa da Província, J. B. Perdigão de Oliveira. Revista do Instituto, ano I, 1887, página 103 e seguintes.

¹¹ Jornada do Maranhão, Diogo de Campos Moreno. Revista do Instituto, ano XXI, 1907, página 209 e seguintes.

A narrativa de Vinícius Barros Leal descreve a saga que foi a conquista desta terra semiárida, tratando do êxodo dramático de uma tropa liderada por Pero Coelho, desfigurada e abatida, cheia de dor e sofrimento, tendo a fome, a sede e a miséria, sido companheiras inseparáveis durante a primeira grande seca registrada pela literatura e da qual Pero Coelho e o jovem Martim Soares Moreno, então recém chegado à colônia foram sofridas testemunhas.

Tendo Martim Soares Moreno grande habilidade no trato e diálogo com os povos indígenas, fez rápido as pazes e amizade com muitos deles. As narrativas históricas sempre lhe emprestam essa característica marcante de um diplomata que percebeu a índole da gente da terra em que veio fazer morada. Não somente aprendeu as línguas indígenas, como, por diversas vezes, despiu-se e se pintou e preferiu a língua do novo mundo, fazendo-se igual.

O guerreiro branco era um militar por vocação. Sua biografia descreve-o muito antes de ir lutar mais a norte do Brasil, encarnado em armas. Martim já era respeitado em toda a colônia e também na metrópole por se ter juntado a índios aliados, já ter tomado, segundo Capistrano de Abreu, *três naus de corsários que queriam negociar em Iguape e Mocoripe, gabar-se de ter degolado mais de duzentos franceses e flamengos, combater nu, de arco e flecha, barba raspada, pintado de negro de jenipapo e vencer* (RIC, 1903, p. 59).

Escreve Diogo de Campos Moreno¹², que “*o trouxe mui miúdo para o Brasil e após ter servido como soldado nas incursões de Pero Coelho de Sousa, só o dito moço sustentou o crédito e amizade destas gentes do Jaguaribe, confirmando mais a paz e a amizade com Jacaúna, principal daquelas gentes, o qual lhe chamava de filho*”. Por sua vez, Barão de Studart, credita-lhe o papel de *principal figura entre os colonizadores da primeira leva, por sua adaptação aos usos e costumes silvícolas que o levava até a pintar-se como eles*. (RIC, 1903, p. 178).

Por inegável habilidade de Martim Soares Moreno no trato com os indígenas e por influência das boas informações de Diogo de Campos, o Governador-Geral Diogo de Menezes o nomeou capitão-mor do Ceará e, assim, acompanhado de uma pequena tropa de seis homens e o religioso

¹² Revista do Instituto Histórico do Ceará, Tomo XXI, 1907, folhas 208 a 219.

Baltasar Correa subiu a costa desde Pernambuco até à Barra do Rio Ceará, pela quinta vez¹³ e em 1611 fez construir à sua margem direita, sobre as ruínas do forte de São Tiago erguido em 1604, a estacada do fortim de São Sebastião e uma pequena igreja de taipa de pilão consagrada a Nossa Senhora do Amparo onde se disse missa e se fez muitos índios cristãos¹⁴.

Este artigo não trata da extensa jornada de colonização desta região, a construção do forte de São Sebastião e sua gestão para trazer para essa terra entre o atual rio Ceará e a enseada do então *Mocoripe*, condições que permitissem o crescimento civilizatório e também segurança na região, ao aqui chegar de novo em 1611.

Ao contrário, é o campo de batalha que se dá nos verdes mares bravios que por onde navegou o herói desta história que quero ressaltar, que o leva mais longe na defesa do território contra os invasores franceses e holandeses no Ceará, começando desde a Paraíba e Rio Grande e prosseguindo até o Maranhão e o Pará e lhe colocou face a face às aventuras mais espantosas.

Nos anos inaugurais do novo século XVII, a França já considerava as possibilidades de instalar uma colônia no Maranhão devido, por um lado, às relações pacíficas que tivera com os índios Tupinambás, ou mais perto daqui os Tabajaras na Ibiapaba e, por outro, ao fato de a região ser um ponto estratégico à abertura para o mar das Antilhas e, portanto, ideal para interceptar os navios carregados de metais preciosos em regresso à Espanha.

Por essas razões, era vital para as coroas ibéricas afastarem o inimigo da costa do Maranhão até à foz do rio Amazonas¹⁵.

E foi assim que o ano de 1613 marcou a preparação dos mais significativos confrontos entre portugueses e o invasor francês no Nordeste do Brasil e fizeram de Martim Soares Moreno destaque das primeiras batalhas vitoriosas.

¹³ Oliveira, Tácito Theóphilo Gaspar de, *Martim Soares Moreno, o Capitão do Ceará*, Revista do Instituto do Ceará, Tomo CI, 1987, página 46.

¹⁴ Moreno, Martim Soares, *Relação do Ceará*. – Revista do Instituto do Ceará – Tomo XIX, 1905.

¹⁵ Silveira, Simão Estácio da. *Relação Sumária das Cousas do Maranhão*. Revista do Instituto do Ceará, – Tomo XIX, 1905, página 124 a 154.

A luta no Maranhão e a primeira vez em alto mar.

Em meados de julho do mesmo ano passa pelo Siará a frota comandada por Jerônimo de Albuquerque¹⁶, primeiro brasileiro a liderar uma força naval em operações de guerra. Martim, por ordem do governador do Brasil, Gaspar de Sousa e, segundo ele, pelos Senhores do Conselho¹⁷, reuniu-se a Jerônimo de Albuquerque, seguindo para oeste até ancorarem próximo ao Buraco das Tartarugas, atual Jericoacoara, escolhido como base das operações e onde ergueram um forte dedicado à Nossa Senhora do Rosário e ali tentaram assentar uma povoação, frustrada pelas dificuldades do local¹⁸.

Tem-se notícias que, dos cem homens e quatro barcos da expedição trazida por Jerônimo de Albuquerque, coube a Martim Soares Moreno escolher vinte e cinco portugueses e sete indígenas mais afoitos. De lá seguiu com eles na embarcação Santa Catarina para reconhecer as posições francesas no Maranhão, sondar a costa do território e o seu principal rio e verificar de que porte poderiam ser os navios que entrassem nele para combater o inimigo francês.

E, assim, conheceu o palco onde se daria a 19 de novembro de 1614, próximo de onde hoje se localiza a cidade de Icatu, a batalha de *Guaxenduba* entre forças portuguesas e tabajaras, de um lado, e francesas e tupinambás, de outro. Vencida por portugueses, foi um importante passo dado para a retirada dos franceses do Maranhão, a qual viria, definitivamente, a ocorrer em 4 de novembro de 1615.

Mas antes disso, chegando Martim Soares Moreno perto da ilha de São Luís, vindo de Camocim e no caminho já tendo destruído e incendiado um armazém militar francês, apresentou-se às nações nativas que encontrou como sendo o filho de Jacaúna e todos lhe ouviram e lhe levaram galinhas e muitos legumes. Ali fixou uma cruz com um letreiro que dizia

¹⁶ Moreno, Diogo de Campos. Jornada do Maranhão. Revista do Instituto do Ceará, – Tomo XXI, 1907, página 216.

¹⁷ Moreno, Martim Soares, Relação do Ceará. Revista do Instituto do Ceará, – Tomo XIX, 1905, página 69.

¹⁸ Moreno, Diogo de Campos. Jornada do Maranhão. Revista do Instituto do Ceará, – Tomo XXI, 1907, página 217.

aqui chegou o capitão Soares Moreno, tomando posse da terra em nome do Rei Católico¹⁹, sem saber que aquela área já estava povoada por franceses.

Dos depoimentos tomados na Ilha de São Domingo, obtém-se mais detalhe do percurso fundeando o rio, dos contatos que fez o índio Baltazar com os nativos daqueles locais que deram conta de falar de paz e negar a presença de inimigos nas suas terras e, do índio que conduzindo uma pequena jangada ser fez a bordo e disse ao capitão Soares Moreno que *os outros índios o enganavam, querendo entretê-los enquanto o inimigo se aproximava, havendo uma população de mais de 200 franceses e uma grande fortaleza com muita artilharia e onde fabricavam barcos para assaltar a quem ali passasse, prendendo-os e entregando-os aos naturais para serem comidos*.²⁰

Quando soube da verdade, por pouco quase morrendo, meteu-se, com a ajuda desse índio, correnteza acima e escapou embrenhado por um braço dele até, após 8 dias, alcançar o mar. Mas ao sair do rio foi avistado por franceses, o que o obrigou a perder a costa, não podendo volver a barlavento por estarem duas naus inimigas à sua espera.

Dali da costa do Maranhão, Martim foi arrastado pelos ventos e correntes, rumando por mais em direção ao alto mar. Ao invés de retornar a Camocim ou Jericoacoara para instruir Jerônimo de Albuquerque nos preparativos da estratégia de conquista do Maranhão, seria arrastado pelos ventos e correntes contrários e força de um temporal, rumaria por mais de três mil e quinhentos quilômetros ou 700 léguas até à ilha de Trindade e dali a Cumana e, por fim, ilha de São Domingos, na América Central. Desembarcou nesta última em agosto de 1613 com vinte e sete soldados e marinheiros e entre eles sete índios.²¹

Depois, após ter seu navio consertado à custa da *Casa de Contratación* de Sevilha, prosseguiu até quase à costa dos Estados Unidos, nas Bahamas e, por fim, depois de uma longa série de perigos e aventuras e mais do dobro de distância do primeiro percurso, chegaria à cidade de Sevilha,

¹⁹ Moreno, Martim Soares, Relação do Ceará. Revista do Instituto do Ceará, – Tomo XIX, 1905, página 70.

²⁰ Studart, Barão de. Documentos para a história de Martim Soares Moreno, Documentos relativos à arribada de M.S. Moreno à ilha de S. Domingos. Revista do Instituto do Ceará – Tomo XIX, 1905, página 20.

²¹ Studart, Barão de. Op cit., página 03.

no dia 25 de setembro de 1614 ainda acompanhado de alguns índios guerreiros a tempo de enviar seu piloto Sebastião Martins a Pernambuco a fim de se juntar a Jerônimo de Albuquerque e Diogo de Campos na Armada de 1614 que combateria, vitoriosa, os franceses.

A narrativa feita por Vinícius Barros Leal mencionando a chegada de índios à metrópole espanhola de onde saíram as embarcações rumo às Américas era curta, mas me ficou na memória, construindo em outras tantas páginas em que ele não descreveu, a imagem daquele momento inverso em que uma civilização encontra a outra. Com a descoberta de América por Cristóvão Colombo e o nascimento subsequente do império colonial espanhol, a cidade de Sevilha já era à época, o principal porto de conexão com o Novo Mundo e a maior cidade de Espanha. Imagine-se ver índios chegando pelo rio Guadalquivir junto à Torre del Oro, fervilhando pelo seu cais todo um novo mundo. O que sentiram eles ao chegarem àquela metrópole? Tomados do mesmo pasmo que sentiram os portugueses ao chegarem à baía da Guanabara ou Fernão de Magalhães à Patagônia?

Essa foi a verdade. Pela primeira vez, o herói Martim foi refém do Atlântico que mareou em favor dos corsários inimigos ao impedir que ele levasse com agilidade a Jerônimo de Albuquerque, informações valiosas sobre as posições francesas no Maranhão e profundidades de suas rias e rios. De certo que, passada essa primeira aventura, pensou ele certamente ter sido essa a última e seguramente a mais intensa no mar.

A conquista do Maranhão, a segunda vez no mar.

Em 1615, Moreno já estava de volta ao Brasil para vergar os normandos na derradeira resistência nas terras maranhenses mas, por vontade íntima, volver ao Siará e ali se fixar.

Já no caminho de volta ao Brasil, Martim Soares Moreno é imediatamente engajado no esforço militar para a grande vitória no Maranhão, cujo sucesso foi facilitado por toda a informação colhida naquela sua incursão narrada linhas acima e trazidas até os líderes da estratégia tão logo desembarcou em Sevilha. E assim foi ele, enviado com uma frota de sete navios e seiscentos homens para finalmente arrebatar dos franceses o forte de São Luís e estabelecer a derradeira paz.

Martim Soares Moreno serviu no Maranhão de Sargento Mor e de Capitão Mor no Pará, em todo esse tempo, trabalhando em todas as coisas, descobrindo naus francesas, quietando índios em terra firma, prendendo franceses e fazendo igrejas²².

Vencido, então, o invasor e tendo feito ele, Martim, o seu papel ao servir no norte do Brasil para assegurar a Portugal a conquista do Maranhão e do Pará, o jovem militar, com aproximadamente 30 anos, mas já cansado, ficou doente e quis retornar ao Siará.

Entretanto, nem bem recuperado da frenética primeira jornada, novo azar se lhe coloca à frente. Logo após embarcar em São Luís, é colhido por um temporal, deixando-o sem vela e sem aparelhos e, por suas próprias palavras, *perdido e quase afogado*. Os ventos e correntes contrárias não o permitiram regressar ao Siará se essa fosse a sua vontade.

Esses mesmos ventos sopraram-no, pela segunda vez, na direção de São Domingos, no Caribe, de onde prosseguiu para a Europa, se bem quisesse, por conta do regime de ventos, voltar ao Brasil.

Quem neste mundo poderia suportar cruzar involuntariamente o nervoso Atlântico duas vezes em menos de 3 anos? Na primeira vez, quase colocando em risco os planos portugueses para expulsar os franceses do Maranhão. Entretanto, nesta segunda vez, ele próprio corria grande risco de vida, num mar cheio de corsários e piratas, num período de intensa guerra entre as nações europeias pelas terras do novo mundo.

E é assim que se sucede pela segunda vez a ida de Martim Soares Moreno desde a América Central rumo à Europa. Se se afastar da costa Sul Americana já era um abalo enorme para um homem enfermo, imagine-o agora no meio de um novo temporal em pleno Atlântico, conforme descreveu nosso herói em suas memórias registradas na *Relação do Ceará*, a fim de as fazer chegar ao rei para reclamar para si o governo das terras do Siará.

Por suas próprias palavras, diz ele, novamente enfermo e indo se curar de tal enfermidade arribou às Índias a S. Domingo de onde o presidente dali o encarregou de Cabo dos navios que saíram do dito porto e com um tempo terrível se apartou da Companhia e encontrou com um navio pirata de 18 peças de artilharia com o qual pelejou e lhe matou toda a

²² Moreno, Martim Soares, *Relação do Ceará*. Revista do Instituto do Ceará, 1905, página 67.

gente que foram 19 homens não ficando mais que três um menino todos em pedaços, ficando com 23 feridas, com uma mão cortada e o rosto com uma cutilada.²³

E nestas condições após a luta e derrota é feito prisioneiro. E para completar o seu infortúnio, se já não bastasse a desventura acima narrada, logo que chegou na França o conheceram por haver matado franceses de Diepa, acudiram viúvas e órfãos e a pedido destes o prenderam e sentenciaram à morte.

Da morte que não veio, seguiu-se o Siará, a terra que conquistou.

Se fosse para morrer nessas condições, porque, não se lhe havia Deus tomado a sua vida já na primeira seca no Ceará ou numa das batalhas que travou contra holandeses e franceses na costa brasileira? Ou na primeira e segunda vez que uma tempestade o levou involuntariamente a cruzar o mundo. Mas não, deve ter ele pensado, que era então, chegada a sua hora, mutilado e ferido, preso em Paris, aguardando a morte chegar.

Acontece que nem a história e nem o destino quis que ele morresse assim, da mesma forma que não quis que Cândido perdesse Pangloss ou Conegundes.

Depois de várias negociações diplomáticas, Martim é libertado graças à habilidade e interferência do diplomata espanhol Duque de Monteleon, e por cujo respeito *foi solto a cabo de dez meses de prisão muito rigorosa donde gastou muito com sentenças e apelações de que ficou muito empenhado e endividado, tudo por respeito do serviço de V. Magd. e agora está nesta cidade passando muitas necessidades* (RIC, 1905, p. 66).

E assim, nessa altura são e salvo, mas sem posses nem riqueza alguma, que Martim Soares Moreno intercede perante o reino a pedir ajuda de custo para remediar suas misérias, necessidades e dívidas, tendo em atenção os serviços prestados na conquista e povoamento do Ceará, conquista do Maranhão e como capitão-mor na jornada do Grão-Pará.

Por tudo isso, Martim Soares Moreno recebeu carta patente em 28 de maio de 1619 e se torna, finalmente e após tudo o que fez por dezessete anos desde que desembarcou nas terras brasileiras e se juntou

²³ Moreno, Martim Soares, Relação do Ceará. Revista do Instituto do Ceará, 1905, página 71.

a Pero Coelho de Sousa na primeira jornada do Maranhão, legítimo senhor do Siará pelo período de 10 anos. Refere o rei Felipe na Carta Patente um conjunto de motivos para fazê-lo capitão mor, para além de ter servido nos cargos de milícia de que foi encarregado com bom procedimento pelejando muitas vezes com os inimigos de que foi ferido. Somou à justiça de sua decisão, o fato de Martim Soares Moreno *ser o primeiro fundador da fortaleza do Siará e ali tomar uma nau e duas lanchas de franceses com a morte de muitos deles*; prosseguiu justificando a nomeação pelos serviços que fez o dito militar no *descobrimento e conquista do Maranhão onde serviu de sargento mor*; acresceu o fato de *ter sido ele cativo e muito ferido na briga que teve com um navio francês que o encontrou vindo arribado da ilha de Santo Domingo para a Espanha havendo procedido esforçadamente na briga bem como trabalhos que padeceu na França na prisão*; e por fim, e se tudo que referiu não bastasse, *as boas informações que tinha de Martim Soares Moreno*.²⁴

Apesar de nomeado em maio de 1619 somente a 23 de setembro de 1621 assumiu o posto sendo festivamente recebido no Siará pelos índios e seus compatriotas. Apesar de ter pedido doze léguas de terra desde o Mucuripe para noroeste, recebeu apenas duas léguas, que correspondem do Mucuripe ao rio Ceará, seu mandato estendendo-se até 1631, quando partiu para Pernambuco. Refere o Barão de Studart, que no período de dez anos assinalaram-se feitos de grande importância, como a conversão de Jacaúna em janeiro de 1622, a derrota de corsários holandeses e franceses que assaltaram o Ceará em 1624 e 1625 e as pesquisas que fez na serra de Itarema à procura de prata.

O próprio El Rei lhe fez mercê por seus serviços, não só no descobrimento do Maranhão, mas depois de estar por Capitão do Ceará, onde os corsários o temeram, tanto que havendo ali aportado, algumas vezes, ninguém se atreveu a desembarcar, desejando ele tanto, que chegou a se meter entre os índios nus e se tingindo da mesma cor. Por isto foi condecorado em 1626, quando da visita do Governador do Maranhão Francisco

²⁴ Carta Patente de 26 de maio de 1619, Revista do Instituto do Ceará - Tomo XIX, 1905, página 81.

Coelho Carvalho, *com o hábito da Ordem de Santo Iago, conferido pelo Rei pelos seus meritórios serviços “que não foram poucos os que fez”*.²⁵

Conclusão.

Os bons serviços que prestou à coroa e ao Brasil prolongaram-se até 1648, quando, no posto de Mestre de Campo, trocou ele o peso e as agruras da vida militar pelo descanso na sua terra natal, não presenciando a vitória gloriosa dos Guararapes e a capitulação final neerlandesa Campo do Taborda. Militou, portanto, no Brasil, por 46 anos, tendo regressado a Portugal aos 62 anos de idade em que veio a falecer por volta de 1650.

Martim Soares Moreno é o vulto culminante da primitiva história do Ceará e seu fundador, o varão lançador da primeira pedra da grandeza futura do torrão cearense, como o descreve Tristão Alencar Araripe²⁶ e por sua administração, as povoações começadas mantiveram-se e progrediram como bem complementa João Brígido.²⁷

Inolvidável, pelo que fez no Ceará e pelo que contribuiu na luta contra franceses no Maranhão, portanto, a história de Martim Soares Moreno, o homem que enfrentou dificuldades de toda a sorte, construiu fortes, liderou soldados brancos e guerreiros índios e, tendo vencido a muitos invasores, teve relevante contribuição para assegurar, por enorme resiliência, para a coroa portuguesa o domínio sobre as terras do nordeste do Brasil e integridade do seu espaço territorial.

²⁵ Oliveira, Tácito Theóphilo Gaspar de, *op. Cit. página 46*.

²⁶ Araripe, Tristão Alencar. História da Província do Ceará, desde os tempos primitivos até 1850, Typografia do Jornal do Recife, 1867, página 87.

²⁷ Brígido, João. Ceará - homens e fatos, Edições Demócrito Rocha, 2001, página 13.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Capistrano de. *Tricentenário do Ceará*. Revista do Instituto do Ceará. Tomo XVIII, Ano XVIII, Anno do Tricentenário do Ceará, Fortaleza, 1904.
- ALENCAR, José de. *Iracema*. Ática, 1984.
- ARARIPE, Tristão Alencar. *História da Província do Ceará, desde os tempos primitivos até 1850*, Typografia do Jornal do Recife, 1867.
- BRÍGIDO, João. *Ceará - homens e fatos*, Edições Demócrito Rocha, 2001.
- _____. *Há 300 anos - Pedro Coelho de Sousa*, Revista do Instituto do Ceará. Tomo XVII, Ano XVII, Anno do Tricentenário do Ceará, Fortaleza, 1903.
- FILGUEIRAS, Pe. Luiz. *Relação do Maranhão*, Revista do Instituto do Ceará. Tomo XVII, Ano XVII, Anno do Tricentenário do Ceará, Fortaleza, 1903.
- GIRÃO, Raimundo. *Matias Beck - Fundador de Fortaleza*. Fortaleza, Imprensa Oficial do Ceará, 1961.
- LEAL, Vinicius Barros. *A Colonização Portuguesa no Ceará*. UFC/Casa José de Alencar, 1993.
- MENEZES, Vladimir. *A controvérsia em torno da fundação de Fortaleza*. Revista de Ciência Política, 1987.
- MORENO, Martim Soares. *Relação do Seará*. Revista do Instituto do Ceará. Tomo XVII, Ano XVII, Anno do Tricentenário do Ceará, 1903.
- OLIVEIRA, Guarino Alves de. *Martim Soares Moreno e o Forte de São Sebastião*. Edição em Xerox, 1989.
- OLIVEIRA, J.B. *Perdigão de. A Primeira Villa da Província*. Revista do Instituto Ceará, Ano I, 1887, página 103 e seguintes.
- OLIVEIRA, Tácito Theóphilo Gaspar de. *Martim Soares Moreno, o Capitão do Ceará*.
Revista do Instituto do Ceará. Tomo Especial n.8, Centenário do Instituto do Ceará, p.31-48, Fortaleza, 1987.
- STUDART. Barão de. *Documentos para a História de Martim Soares Moreno*. Revista do Instituto do Ceará, Tomo XIX, Tomo XIX, Fortaleza, 1905
- _____. *Datas e Factos para a História do Ceará – Carta a Gaspar de Souza, 1614*.
- _____. *Martim Soares Moreno, o fundador do Ceará*. Revista do Instituto do Ceará, Tomo XVII, Fortaleza, 1903.
- VOLTAIRE. *Cândido ou o Otimismo*. Ediouro, 4ª Edição, 1980.